

Diferentes, ainda bem

Eugênio Mussak*

No fabuloso desenho animado *A Era do Gelo*, os três personagens centrais não poderiam ser mais diferentes: *Sid*, um bicho preguiça que não parava de falar, *Diego*, um feroz tigre dente-de-sabre, e *Manfred*, um peludo e ranzinza mamute. No início da animada história, nossos três heróis deixam claro que têm rumos diferentes, cada um cuidando de sua vida, sem o menor interesse pelo outro, até que...

Até que, por obra do (hollywoodiano) destino, os três se vêem diante do mesmo objetivo, quando decidem devolver um filhote de humanos à sua tribo. A partir desse momento, as diferenças, que antes os repeliam, agora passam a ser capitalizadas como habilidades. É claro que era necessário um líder, e o imenso mamute assumiu esse papel de bom grado. Pronto, surgiu uma equipe, em sua verdadeira dimensão, por conter os três elementos principais que a caracterizam: um objetivo comum, a capacidade de conviver com as diferenças e a existência de um líder.

O engraçado filme, por ser um *cartoon*, poderia ser entendido como um programa para crianças, mas os adultos também se divertem e, mais do que isso, ganham mais um elemento para pensar sobre as diferenças, pois se os personagens fossem iguais, a missão não teria tido êxito. As diferenças os salvaram.

É interessante notar como temos muitos motivos para aceitar que as diferenças são bem-vindas, entretanto preferimos evitá-las e conviver apenas com semelhantes, como se isso fosse possível. No dicionário, a palavra *idiosincrasia* é definida como a

maneira própria de ver, sentir e reagir de cada indivíduo. E é por isso que se transforma na molécula da diversidade, característica essencial do humano. Não há, no mundo, duas impressões digitais iguais, nem duas íris, ou dois registros de eletrocardiograma. Da mesma forma, não há duas percepções iguais do mundo e da vida. Idiosincrasias...

Eis porque a tolerância é, mais que uma virtude, um sinal de inteligência. Não me refiro à tolerância com a incompetência ou com a corrupção. Contra estes, *tolerância zero*. Falo do exercício da aceitação da diferença como algo absolutamente normal e até desejado. A intolerância com a diferença é burra e, quando levada a extremos, chama-se fundamentalismo, o atual grande inimigo da humanidade. Pessoas se agridem, e até se matam, pela ofensa pessoal de não possuírem a mesma cor de pele, não pertencerem à mesma raça (seja lá o que isso signifique) ou não professarem a mesma religião. A *eugenia* é uma prática maldita quando a busca do aprimoramento humano baseia-se na eliminação de todos aqueles que não se enquadrem no ideal imaginado pelo tirano de plantão. Desse modelo, Hitler é o principal exemplo. A humanidade já deveria ter aprendido que não é este o caminho.

Mas cuidado, se a diferença, como propulsora do progresso pela soma das forças, é benéfica, a desigualdade não é. Crianças são diferentes nas reações aos estímulos que a escola lhes dá, mas são iguais nos direitos e nas obrigações. Adultos são diferentes em suas habilidades e competências, mas não podem ser tratados como desiguais pela lei e pela justiça.

É possível que pareça apenas um jogo de palavras, mas há uma linha tênue separando esses dois conceitos: ser diferente e ser desigual. Em uma sociedade justa, que deseje assumir compromisso com o progresso, as pessoas podem ser diferentes, mas devem todas merecer oportunidades, inclusive a de sonhar livremente, o que, então, as torna iguais.

Em sua nona, e última, sinfonia, Beethoven introduziu um coral cantando uma ode de autoria de Schiller. A ode é dedicada à alegria, que é referida como um ser com quem se pode conversar. Uma das passagens mais belas diz: "*ó alegria, permita que tua magia una aqueles que as leis dos homens separam*".

Ficamos então a perguntar: por que o homem faz leis – a maioria não escritas, para separar pela diferença e aglutinar pela semelhança, se é justamente da primeira que a evolução se alimenta? Enquanto não encontrarmos a resposta convincente, o que nos resta é o caminho apontado pelo genial compositor alemão: a alegria. Aquela mesma que transforma em parceiros os torcedores no estádio, em irmãos as crianças no parquinho, em cúmplices os membros de uma equipe bem conduzida. A alegria igual, que nasce da diferença...■

* Eugênio Mussak é professor e consultor educacional. E-mail: contato@eugeniomussak.com.br

Eis porque a tolerância é, mais que uma virtude, um sinal de inteligência. Não me refiro à tolerância com a incompetência ou com a corrupção. Contra estes, tolerância zero.

